

Parêntesis

Felipe Franco Munhoz

São Paulo, maio de 2020. Noite. Dois prédios, vizinhos, separam-se por um vão de cerca de três metros. Ela e Ele ocupam, em andar indeterminado, janelas frente a frente. Com as luzes principais das duas salas apagadas, pouco se distingue dos interiores. Ela está de olhos fechados.

----- *cerca de três metros* -----

Ela [abrindo os olhos] Não.

Ele Não?

Ela Por diversos motivos. Não. E não foi isso o que eu disse, juntos.

Ele *Diversos?* Jura? Sei. Começa, agora, a contagem regressiva de motivos; pois, atenção. Um?

Ela [risos?] Linguístico. Por exemplo. Defina a palavra Relacionamento.

Ele pega: dicionário.

Ele Relacionamento, vejamos; relacionamento. Erre, rê, rél – segundo o dicionário, este, o dicionário à mão, primeira acepção, *ato ou efeito de relacionar-se*. Com o pronome reflexivo entre parêntesis; dado que imprime sua relevância. Relevância, primeira, *qualidade de relevante, et cetera, aquilo que se destaca em escala comparativa, et cetera*, no atual cenário.

Ele guarda: dicionário.

Ela Dado: o pronome reflexivo entre parêntesis?

Ele No atual cenário – que cinge tudo, e todos, com parêntesis. Corpos e o tempo.

Ela Ou seja: tenho razão.

Ele Você diz *Não*, mas eu posso, dedos estalados, fechar a janela. E fim. Não posso?

Ela Fechar a janela. Seu *E fim*,

porém, jamais. O fim de uma hipótese?

Ela A cada segundo? A cada segundo – entre parêntesis? Ou, quando você diz *o tempo*, você diz o tempo total?

Ela [*aparte?*] Alguma.

Ela [*aparte?*] Alguma.

Ela Direto da agulha para o fone de ouvido *wireless*, via *bluetooth*. Contrapontos? Não consigo, não consigo mais; e não tenho certeza se–

Ele Peculiar. Quando, nas últimas quatro semanas, você perdeu a razão?

Ele *'Round about midnight*, Miles Davis, lançado em quatro de março de mil novecentos e cinquenta e sete. O, digamos, parêntesis da faixa *'Round midnight* – separando a metade que parece cópula, mas dentro de um confessionário, da metade que, então, sai para alguma rua noturna

com letreiros em neon e suspiros e convites,

antes de, talvez frustrada?, escorregar para o desfecho que, impiedoso, derrete a noite, derrete a melodia, derrete o quinteto inteiro – tem dezesseis segundos e oitenta e três milésimos. Eu cronometrei. Desde a pausa brusca, enquanto Miles puxa o freio de seu Ré, atravessando os cinco golpes, Láá-Láá-LááááLáá-Láá, sustentados, ao nocaute em Dó sustentado, agudíssimo: dezesseis segundos e oitenta e três milésimos. O parêntesis que contém a maior chuva de sensações da história, golpes e beijos e bombas de variadas intensidades, pressões, texturas. Minúcias-gestos, nesse intervalo, minúcias-movimentos humanos, salientam-se perceptíveis: pulmões, músculos, tendões. Gira, o disco de vinil, três mil quatrocentos e cinquenta e seis graus. Eu contei.

Ele Deseja?

Ela Adapta-se a velha vida, certo? Desde – quando? – Platão? Desde?, antes ainda? E, de repente, parece que o elástico, de tão esticado, gasto, de tão esticado, exausto, arreventou-se. E, de repente, perdi a certeza: perdi a certeza de termos o direito.

Ela Você mantém o cronômetro, além do dicionário jactante, à mão?

Ele pega: cronômetro.

Ela Nada.

Ela Dezesseis segundos e oitenta e – quantos? – milésimos.

Ela Preparada.

Ela e Ele ficam em silêncio por dezesseis segundos e oitenta e três milésimos. De São Paulo, quase não se escuta; exceto pelo trovão, seco, estéril, que ribomba acima; e pela sirene, distante, que passa ao longe.

Ele guarda: cronômetro.

Ela Estou escutando.

Ela Não. Não passou. É ensurdecadora, gravada, cravada no risco no disco dos rastros da pós-modernidade; rastros que, por sinal, começam, momento a momento, a cada segundo?, a esfriar. Ficam: sulcos gélidos. E fica: a agulha saltitante-tante-tan-ta-tal-talvez–

Ela Talvez a pior coisa: perder a certeza.

Ele O direito de adaptarmos e readaptarmos a *República*, o *Banquete*, a *Caverna*, por séculos – aos rastros da pós-modernidade?

Ele Nada que esteve à mão nas últimas semanas pode ter deixado de estar.

Ele No máximo, está, estará, a um apartamento – pequeno – de distância.

Ele Oitenta e três.

Ele Pronto. Escutou a sirene?

Ele Mas?: passou.

Ele Talvez frustrada?

Ele pega: dicionário.

Ele [*risos?*] Jactante, vejamos. Cê – primeira, *qualidade, caráter ou virtude do que é certo ou considerado certo, et cetera, o que não oferece dúvida, et cetera.*

Ele guarda: dicionário.

Ela [*risos?*] Perder o que não oferece *dúvida* – simultâneo à razão, para completar. Caos. O que resta?

Ele Nem mesmo o tempo, aos corpos. Parêntesis distintos. Quando eu digo *o tempo*, cingido, é o tempo que se perdeu do tempo que, na história, prossegue. Há um intervalo – suspenso: disperso tanto da metade prévia, quanto da metade posterior. Para nós, resta o nulo.

Ela Sombras.

Silêncio.

Ela estica seu braço para fora da janela.

*Ele estica seu braço para fora da janela.
Não se tocam.*

Ela Mas seria perigoso, de qualquer maneira.

Ele Quase?

Ele Por quê? Se estamos, individualmente, isolados. *Home office. Home office.* Há sete semanas. *Home office.* Livres da incubação–

Ela Correspondência: grande ameaça. Entregas: grande ameaça, idem. O corredor, ao lixo: idem. Quando você, pela última vez, levou o lixo?

Ele Foi hoje.

Ela Treze dias, portanto.

Ele Sempre: hoje.

Ela Faltam, portanto, sempre, treze dias. Treze dias com potência para que se manifeste o terror.

Ele De qual forma resolver as curiosidades – infinitas – que tenho

sobre o seu cheiro?, sobre a sua pele?, o seu gosto? De qual forma saciá-las?

Ela Meu cheiro: grande ameaça. Minha pele: grande ameaça, idem. Meu gosto?

Ela *** [*incompreensível*]

Ele A maior de todas?

Ele A maior de todas?

Ela pega: lanterna.

Ela Você teria a sua lanterna, por acaso, além do dicionário e do cronômetro, à mão?, ou, no máximo, a um apartamento – pequeno – de distância?

Ele Claro.

Ele pega: lanterna.

Ela Minha vez?

Ele fecha os olhos. Ela posiciona o facho de luz contra sua própria mão: a sombra da mão projeta-se no apartamento vizinho; a sombra de sua mão passeia pelo rosto e pelo corpo de Ele. Existe Deleite? Ela suspira. Lanterna: Ela desliga e guarda. E fecha os olhos. É a vez de Ela, que posiciona o facho de luz contra sua própria mão: a sombra da mão projeta-se no apartamento vizinho; a sombra de sua mão passeia pelo rosto e pelo corpo de Ela. Existe Deleite? Ele suspira.

Ele Eu amo você.

Ela [*de olhos fechados*] *Eu amo você* – é somente a ideia do amor. Amor. Alcançá-lo de fato? Ilusão. Porque, afinal, compreendi: elástico arrebentado, não temos o direito, mais, de ocupar aquele espaço – que dominamos e destruímos, readaptando a *República*, o *Banquete*, a *Caverna*, para fora dos parêntesis. Ficam sulcos gélidos; ficamos, aqui, reticências?, aprisionados em fissuras.

Ela [*de olhos fechados*] Melancólico jogo – sexo? – de sombras, na melhor hipótese. Amor?

Ele Mas: o relacionamento.

Ela [*de olhos fechados*] *Amor?* O que sabemos, do outro, na verdade?

Ele Mas–

Ele Relevos? Recortes?

Ela [*de olhos fechados*] É suficiente, a superfície? Pouco se distingue, dos interiores.

Lanterna: Ele desliga e guarda.

Ele Você acredita, mesmo, que somos – juntos – apenas uma hipótese?

----- *cerca de três metros* -----

Ela [*abrindo os olhos*] Não.

Começa a tocar Miles Davis: 'Round midnight; em loop (entre 2'41" e 2'58": o parêntesis de dezesseis segundos e oitenta e três milésimos) – durante o excerto, ribomba um trovão seco, estéril, misturando-se ao quinteto; além de uma sirene, passando ao longe. A cada repetição, contudo, a sirene ressoa com maior duração e maior intensidade, mais e mais próxima, até se transformar, impiedosa, na pungente massa de som contínua, violenta, ensurdecadora, da qual ninguém, vivo, escapará.

São Paulo, 16/4/2020 – 29/5/2020,
33ª manhã – 76ª manhã